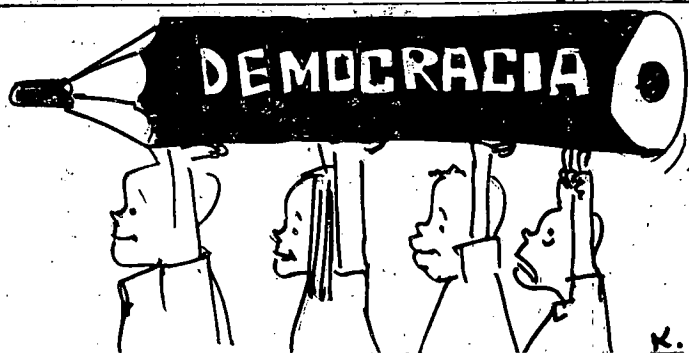


# Democracia Escolar

CORREIO BRAZILIENSE

LUIZ AUGUSTO GOLLO 31 JAN 1986



Ao lado das transformações institucionais e da reorganização política do País, estes dez meses e meio de governo democrático foram fortemente marcados por amplos debates e sugestões no âmbito educacional — este, precisamente, um dos setores institucionais mais vilipendiados ao longo do período autoritário, por razões tão óbvias que dispensam o mais superficial dos retrospectos.

Não foi, aliás, por outro motivo que muito se têm empenhado as autoridades, em todos os níveis do poder público, no sentido de reorientar e aprimorar os instrumentos e os mecanismos da estrutura educacional brasileira para conferir-lhe o caráter formador de mentalidades, e restituir-lhe a essência democrática, sem o que o ensino não passa de arremedo, encenação a que todos assistimos, desde 1964 (para lembrar apenas o período mais recente de obscurantismo pátrio).

E neste esforço renovador e restaurador que se insere o caso específico do Distrito Federal, onde a prática vem acompanhando a discussão e onde os avanços têm suscitado transformações inclusive em outras unidades da Federação. Do Distrito Federal, de fato, estão partindo experiências que despertam atenções em todo o universo da educação, e não poderia ser diferente, de vez que aqui, principalmente entre os brasileiros do Plano Piloto, foi o centro urbano que mais sofreu com os tempos de arbitrio. Cidade

jovem e capital federal, Brasília foi a sede do poder discricionário, foi o local onde pensar não era apenas perigoso, mas era expressamente proibido. Contestações e resistências francas eram toleráveis em qualquer grande centro brasileiro, mas inadmissíveis em Brasília.

Dada esta peculiaridade brasiliense, nada mais natural que, passadas as nuvens negras do regime militar, se fosse buscar entre os setores mais progressistas das oposições o condutor das reformas que se faziam mais urgentes no setor do ensino. Elegeu-se, então, em meio a outros nomes, o de uma personalidade profundamente identificada não somente com a cidade, que viu sair das plantas dos arquitetos para o cenário árido do Planalto, mas igualmente identificado com o jovem, seus anseios e suas esperanças. Escolheu-se, assim, um homem que na flor dos dezoito anos de idade já era professor do Pedro II, do Rio de Janeiro, o “Colégio-Padrão”; e que, junto a tan-

tos outros, foi fundador da Universidade de Brasília e um dos seus mais sinceros entusiastas.

Em providência primeira, o Secretário de Educação do Distrito Federal estabeleceu como meta, a Democracia Escolar. Muito mais do que uma expressão feliz, esta democracia começou a se concretizar nas eleições dos diretores de escolas e complexos escolares, realizadas num sábado frio e chuvoso de novembro. Pela primeira vez, em todo o País, os alunos e seus pais compareceram às escolas para, em voto secreto e direto, eleger os diretores.

As eleições dos diretores de escolas e complexos foi o passo firme e decidido para o reencontro da educação com as comunidades a que atende. Professores, diretores, pais de alunos, comunidades, todos enfim envolveram-se em alegres e agitadas campanhas eleitorais e, com isto, além do exercício da democracia, a Secretaria de Educação deu início ao processo de reaproximação das comunidades

com o universo educacional e mesmo com o próprio espaço físico dos prédios escolares.

A este passo segue-se outro, bem recente, que é a instituição da Primeira Colônia de Férias da Nova República. São dezoito mil crianças, espalhadas em vinte e três centros, todas com idades entre os seis e os onze anos, participando de inúmeras atividades durante duas semanas.

Professores e orientadores da Secretaria de Educação não ocupam seu tempo, na colônia, apenas com brincadeiras e atividades lúdicas. Seu papel mais importante é introduzir as crianças sob sua guarda num mundo até então desconhecido, um universo onde elas aprenderão que têm direitos a serem respeitados, têm deveres e obrigações também. As crianças estão aprendendo a se organizar, a pensar sobre o que ouvem, na escola, em casa, na rua, na própria colônia. Formam opinião, discutem, participam.

Este é o aspecto mais puro e mais importante da nova colônia de férias da Secretaria de Educação do Distrito Federal: preparar a infância para uma existência ativa e participante. O trabalho principal é formar uma base sólida, uma democracia básica e elementar. Se este objetivo for atingido, o País jamais voltará a viver períodos de obscurantismo, porque seus filhos terão aprendido, desde bem cedo, o valor e a importância da democracia.